

PLATÃO. CARTAS: CARTA II

PLATO. LETTERS: LETTER II

CORNELLI, G.; LOPES, R. (2017). Platão. *Cartas: Carta II*. *Archai*, n.º 20, may-aug., p. 319- 332

DOI: https://doi.org/10.14195/1984-249X_20_12

Palavras-chave: Platão, *Cartas*, *Carta II*, Dionísio II de Siracusa.

Keywords: Plato, *Letters*, *Letter II*, Dionysus II of Siracuse.

A presente tradução é parte de um projeto conjunto dos autores, que consiste em verter para o Português todas as cartas tradicionalmente incluídas no *corpus Platonicum*. A ideia foi germinada na pesquisa que temos desenvolvido na Cátedra UNESCO Archai e, por isso mesmo, é materializada na revista que lhe pertence. Nesta primeira fase do projeto, estão sendo publicadas traduções preliminares de cada carta, acompanhadas de breves parágrafos introdutórios sobre o seu contexto.

archai 

nº 20, may-aug. 2017

Gabriele Cornelli,
Rodolfo Lopes, 'Platão. *Cartas: Carta II*, p. 319-332

Como decerto será do conhecimento comum, esta secção epistolar do *corpus* tem sérios problemas quanto à sua autoria. Na verdade, no total de 13 cartas, apenas duas delas podem ser atribuídas a Platão; ainda que essa pretensão de autenticidade esteja longe de alcançar um consenso entre os autores. São elas (1) a famosa *Carta VII*, que ainda hoje divide a comunidade de platonistas entre aqueles que a aceitam como autêntica e os que não;¹ e (2) a *Carta VIII*, que tem menos condições de ser atribuída a Platão, dado o elevado número de anacronismos que apresenta (cf. Brisson, 2008, p.623). Todas as outras são inquestionavelmente espúrias.

Em todo o caso, o problema da autenticidade é minimizado pelo interesse que tal repositório epistolar tem suscitado ao longo de tantos séculos de exegese platonista. O conjunto das 13 cartas está incluído no *corpus* já desde as suas antiquíssimas divisões: nas trilogias de Aristófanés de Bizâncio e também nas clássicas tetralogias tradicionalmente atribuídas a Trasilo (vide Lopes, 2013). Em ambos os modelos as cartas ocupam a última posição (depois de *Críton* e *Fédon* em Aristófanés; depois de *Minos*, *Leis* e *Epínomis* em Trasilo). Isso não implica, todavia, que os antigos considerassem as cartas espúrias; pelo contrário, aliás, visto que generalidade dos autores (pagãos e cristãos) as toma por autênticas (vide Zaragoza & Gómez Cardó, 1992, p.429-433). São de notar as possíveis exceções de Proclo e Aristóteles. O primeiro, segundo um *testimonium* de Olimpiodoro, teria rejeitado a totalidade das cartas; mas tal relato acabou por ser desconsiderado, pois na rejeição estavam também incluídas as *Leis* e a *República* (vide Maddalena, 1948, p.V). Quanto ao segundo,

não se pode falar de rejeição, mas apenas de silêncio: Aristóteles nunca refere as cartas de Platão, nem mesmo quando, no Livro V da *Política*, fala da querela entre Díon e Dionísio de Siracusa. Alguns dos autores que defendem a inautenticidade da *Carta VII* usam este silêncio de Aristóteles como argumento.

Nos manuscritos medievais as cartas aparecem listadas no final, logo antes dos diálogos considerados espúrios. Esta posição não deve indiciar suspeitas de autenticidade, visto em apenas alguns deles *apenas* a *Carta XII* surge notada como espúria.

Assim, a tendência de rejeitar a autoria platônica das cartas é bastante recente, tendo em conta a longa tradição de comentário e interpretação; mais precisamente a partir de inícios do século XIX, depois dos trabalhos de Meiners (1782), Ast (1816) e Karsten (1864), que as reconhecem todas como espúrias.

SOBRE A CARTA II

O tema central da Carta, o da relação entre Platão e Dionísio, é a ocasião para uma discussão mais ampla sobre a relação entre poder e ciência.

Ainda que dramaticamente datada logo depois de 360 aEN, por causa da referencia às Olimpíadas nas quais Platão teria estado presente neste mesmo ano, a carta foi com toda a probabilidade escrita em âmbito neopitagórico. Apesar das tentativas já clássicas (veja-se por exemplo a discussão de Bluck 1960 contra Maddalena 1948) de encontrar passagens do próprio Platão no interior da mesma, os temas da carta obedecem claramente a uma agenda filosófica helenística.

archai 

nº 20, may-aug. 2017

Gabriele Cornelli,
Rodolfo Lopes, 'Platão. *Cartas: Carta II*,
p. 319-332

A título de exemplo pode se aduzir a referência a teorias astronômicas como a da pequena esfera ou do Primeiro (312d), a insistência sobre a necessidade de memorizar e não publicar as doutrinas platônicas (314b), a presença de um vocabulário marcadamente pitagórico em termos como *acusmata* e *enigmata* e, mais em geral, um tom fortemente parenético e auto-celebratório nas palavras que Platão teria dirigido a Dionísio.

Platão a Dionísio,

Que esteja tudo bem.

(310b) Ouvi de Arquedemo que você considera ser necessário que não somente eu me cale a seu respeito mas que também todos os meus amigos (310c) parem de dizer e fazer qualquer coisa contra você. Feita exceção de Dion. Mas exatamente esta última afirmação, de que seja feita exceção de Dion, demonstra claramente que não tenho qualquer autoridade sobre os meus amigos; porque se assim fosse, se eu tivesse poder sobre você, sobre Dion e sobre todos os outros, muitas vantagens – creio – derivariam para nós e para o resto dos Gregos.

Mas a minha grandeza reside em seguir a minha doutrina. Afirmo isso porque Cratístolo e Polixeno não falaram a verdade para você. Um deles teria lhe referido, (310d) ao que parece, que tinha ouvido nas Olimpíadas muitos de meus amigos falar mal de você: deve ter melhor ouvidos do que eu, pois eu mesmo não ouvi nada disso. Para o futuro, o conselho a agir da seguinte forma: ao ouvir qualquer coisa do gênero sobre um dos nossos, envie diretamente para mim por escrito uma solicitação de esclarecimento. Eu lhe direi a verdade, sem qualquer hesitação ou vergonha.

Já com respeito à relação entre nós dois, a situação é a seguinte: todos os Gregos nos conhecem bem e nossa amizade não é nenhum segredo. Não esqueça (310e) que ela não será também desconhecida às futuras gerações, pois nossa amizade não é nem insignificante nem escondida. O que quero dizer com isso? Diria para iniciarmos do começo.

É natural que um grande poder e a ciência tendam a se unir, pois incessantemente se procuram entre si, se perseguem e se encontram. Por estes motivos os homens gostam de discursar e ouvir os outros discursar sobre eles, tanto em conversações ordinárias (311a) como em poesia. Assim quando conversam sobre Géron ou sobre o espartano Pausânias, gostam de lembrar a amizade deles com Simónides e de tudo o que Simónides disse e fez para eles. Da mesma forma aproximam, ao celebrá-los, Periandro de Corinto e Tales de Mileto, Péricles e Anaxágoras, Creso e Sólon como homens sábios, e o rei Ciro como soberano. Da mesma forma os poetas juntam Creonte e Tirésias (311b), Poluído e Minos, Agamémnon e Nestor, Odisseu e Palamedes. Pelo mesmo motivo, parece-me, os homens de antigamente colocavam juntos Prometeu e Zeus: entre eles, canta-se de uns a tendência à discórdia entre eles, de outros a amizade, de como uma hora eram amigos e outra inimigos, e das coisas sobre as quais concordavam e aquelas sobre as quais discordavam.

Todas estas coisas lhe digo com a intenção (311c) de mostrar-lhe que, mesmo depois que estaremos mortos, os discursos sobre nós não se calarão: precisamos, portanto, cuidar deles. Pois é necessário se preocupar com o futuro, visto que são os homens mais ordinários os que não se dão ao trabalho de

archai ἀρχαί

nº 20, may-aug. 2017

Gabriele Cornelli,
Rodolfo Lopes, 'Platão. *Cartas: Carta II*,
p. 319-332

pensar nele, enquanto aqueles de natureza superior fazem o que podem para que se ouça falar bem deles no futuro. Esta é uma prova, a meu ver, que os mortos possuem uma percepção das coisas deste mundo: de fato as almas mais excelentes pressentem que as coisas estão assim (311d), enquanto as menos nobres dizem que não; mas têm mais autoridade as percepções dos homens divinos do que aquelas dos outros homens.

Creio que até mesmo aqueles homens de que falava há pouco, se tivessem tido a oportunidade de corrigir suas amizades, sem dúvida teriam estado ansiosos para fazê-lo, de maneira a melhorarem o que agora se diz sobre eles. Nós, graças a deus, podemos ainda fazê-lo: se não agimos como devíamos em uma nossa amizade do passado, podemos ainda remediar com palavras e ações. Eu afirmo de fato que a verdadeira filosofia (311e) gozará de uma fama e um apreço melhores à medida em que nós formos melhores, e piores se formos o contrário. Assim seremos os mais piedosos ao nos ocuparmos disso, e os mais ímpios ao negligencia-lo. E agora vou lhe mostrar como se faz isso e como é correto que se faça.

Quando cheguei à Sicília minha fama já era muito superior a todos os outros filósofos, e vim para Siracusa (312a) querendo tomar você como testemunha, para que a filosofia fosse honrada na minha pessoa,² mesmo pela multidão. Infelizmente isso não resultou bem. O motivo disso não é aquele que muitos pensam, mas o fato que você não demonstrou mais plena confiança em mim, e que desejava afastar-me, colocar outros em meu lugar, e investigar o que eu estava fazendo, dada sua desconfiança. Houve muitos boatos a esse respeito, diziam que você me tinha

em pouca conta e que se ocupava de outras coisas. Isso era o que se dizia (312b) por aí. Escute, portanto, como é correto agir com relação a essas coisas, pois agora irei responder à sua pergunta sobre como devemos nos comportar entre nós. Se não tem qualquer respeito pela filosofia, então deixe-a para lá e diga-lhe adeus; se ouviu de outros – ou você mesmo encontrou – doutrinas melhores do que as minhas, respeite-as; mas se as minhas lhe agradam, então respeite sobretudo a mim. E mesmo agora, como no início de nossa relação, você abra o caminho, eu o seguirei. Se você me respeitar (312c), eu o respeitarei; se não me respeitará, eu ficarei em silêncio; assim, se você tomar a dianteira e me respeitar, ganhará a fama de estar respeitando a filosofia; isso, para alguém como você, que procura a aprovação dos outros, resultará numa boa fama junto a muitos, que o considerarão como sendo filósofo. Ao contrário, se fosse eu a o respeitar sem que você me tenha demonstrado respeito, daria a impressão de estar admirando e desejando a riqueza, e isso, - sabemos bem – não me levaria a ter um bom nome junto à multidão. Em suma, se você me respeita é bom para nós dois, (312d) se eu o respeito é desgraça para ambos. E sobre isso já dissemos tudo o que precisava ser dito.

A pequena esfera³ não é correta, como lhe demonstrará Arquedemo ao chegar. Quanto ao outro problema, mais importante e divino do que este, e sobre o qual você afirma ter dificuldades, ele poderá lhe explicar de maneira mais aprofundada. Segundo o relato dele, de fato, você afirmaria que não teria lhe ficado clara a natureza do Primeiro⁴: será então necessário que o conduza eu mesmo neste assunto, mas por meio de enigmas, para que, no caso em que

archai ἀρχαί

nº 20, may-aug. 2017

Gabriele Cornelli,
Rodolfo Lopes, 'Platão. *Cartas: Carta II*,
p. 319-332

esta carta cair em algum canto do mar ou da terra (312e), quem a for ler não possa compreendê-la.

Eis como estão as coisas. Em torno ao rei de todas as coisas, todas as coisas estão; todas existem graças a ele, e ele é causa de todas as coisas belas. Em torno ao segundo, estão as coisas segundas, e ao terceiro as terceiras⁵. Ora, a alma humana deseja compreender que tipo de realidades são essas, olhando assim para as coisas que lhe são afins, mas sem que nenhuma destas (313a) lhe resulte suficiente. Pois nada é igual ao rei que acabei de mencionar. De maneira que a alma pergunta: “Mas então o que é isso?”. Esta é a questão, filho de Dionísio e Dóris, que é a causa de todos os males, e mais, a que provoca na alma as dores do parto; que se não são retiradas, jamais irá acontecer de chegar realmente à verdade. Você mesmo certa vez, de baixo dos louros naquele jardim, me disse que havia investigado isso (313b) e que era uma sua descoberta. Eu disse que se realmente lhe parecia que as coisas estavam assim, isso me pouparia de muitas palavras. Disse também que até então não havia encontrado ninguém que tivesse feito essa descoberta, ainda que eu mesmo tenha dedicado muito trabalho a esse problema. Da mesma forma você pode ter ouvido isso de outra pessoa, ou por uma inspiração divina seguiu nesta direção. Mas então, crente de possuir solidamente essas demonstrações, não as amarraste bem, e agora chacoalham para cá e para lá (313c) em volta de algo que você imaginou, enquanto a realidade é diferente. Isso não aconteceu somente contigo, mas lhe asseguro que qualquer um que me ouviu pela primeira vez estava ao princípio na mesma situação: uns com mais e outros com menos dificuldades, mas quase ninguém saiu dessa sem se empenhar muito.

Tendo estado assim as coisas, e ainda estando assim, penso que respondi à questão que você me enviou, sobre como devemos nos comportar entre nós. Visto que você analisa minhas doutrinas junto com outros, seja comparando-as (313d) a doutrinas diferentes como também em si mesmas, então, se a busca é verdadeira, essas irão se enraizar em você, e você acabará se familiarizando com elas e conosco.

Mas como poderão acontecer estas coisas e todas aquelas das quais falamos? Fizeste bem em me enviar Arquedemo, faça o mesmo no futuro, pois quando chegar a você com minhas respostas, você poderá ter ainda outras dificuldades. Enviará então Arquedemo novamente para mim, se decidirá corretamente, e ele retornará como um bom mercante. Se você fizer isso duas ou três vezes (313e) e examinar adequadamente o que lhe enviei, não me surpreenderia se as dificuldades atuais lhe parecessem bem diferentes de como lhe parecem agora. Coragem, faça isso, portanto. Nem você pode enviar, nem Arquedemo pode realizar um comércio mais belo (314a) e propício.

Cuidado para que estas cartas não caiam nas mãos de homens despreparados. Parece-me, de fato, que nada pode soar mais ridículo para a multidão do que estas doutrinas,⁶ enquanto, ao contrário, nada pode soar mais maravilhoso e inspirado aos ouvidos de indivíduos bem educados. Por muito anos devem ser seguidamente discutidas e deve-se sempre prestar atenção a elas, e então como o ouro, a muito custo e com muito trabalho, acabarão refinadas. E escute que coisa maravilhosa acontece: existem muitos homens atentos às doutrinas, capazes de compreendê-las (314b) e de mantê-las em sua memória, que as investigam passando-as

archai ἀρχαί

nº 20, may-aug. 2017

Gabriele Cornelli,
Rodolfo Lopes, 'Platão. *Cartas: Carta II*,
p. 319-332

por todo tipo de crivo; estes, uma vez idosos, depois de pelo menos 30 anos desde que as ouviram pela primeira vez, acreditam a esta altura que aquelas doutrinas que lhe pareciam inicialmente as mais difíceis de acreditar, são agora as mais claras e evidentes; enquanto as que lhe pareciam mais fáceis de acreditar então, agora lhe parecem o contrário. Olhe com atenção a como estão as coisas e tome cuidado, portanto, para que não venha a se arrepender depois de expor estas doutrinas para quem não as merece. Agora, o mais seguro, em lugar de escrever, é memorizar (314c), pois é impossível que eventualmente coisas escritas não venham a ser divulgadas. Por este motivo eu jamais escrevi sobre essas coisas e não existe – e jamais existirá – um tratado de Platão.⁷ As coisas que me se atribuem são na verdade de Sócrates, quando era jovem e belo.⁸ Coragem, portanto, e fique persuadido a destrua com o fogo esta carta, depois de lê-la e relê-la.

Já dissemos tudo o que precisava ser dito. Ficou surpreso por eu ter lhe enviado Polixeno (314d); mas sobre Licrófono e os outros que estão contigo, já disse há tempo e agora repito a mesma afirmação: que você é amplamente superior a eles na dialética, por natureza e por método argumentativo; de fato nenhum deles se faz refutar por você de propósito, como alguns afirmam, mas são refutados sem que possam nada fazer a respeito. Parece-me de toda forma que você os tratou bem e os recompensou. Mas já dissemos tudo o que precisava se dito, e até demais para pessoas deste tipo (314e). Se Filístion lhe for útil, use-o à vontade. Quando já não lhe servir mais, envie-o para Espeusipo; Espeusipo parece precisar dele; e o próprio Filístion me dizia que, se o deixar partir, voltaria para Atenas com prazer. Fizeste bem libertar

o homem das cavas de pedra⁹, e não me custa nada lhe fazer o mesmo pedido para a família dele e para Egesipo, filho de Ariston. Você mesmo me avisara que, se alguém fizesse alguma injustiça contra ele ou os outros e você tivesse conhecimento disso, não o permitiria. E quanto a Lisíclides, a verdade precisa ser dita: é o único daqueles que vieram da Sicília para Atenas a não ter mudado de opinião sobre a amizade entre nós dois; ao contrário, ele fala incessantemente bem dela, e dedica as melhores palavras ao que aconteceu.

NOTAS

1 Veja-se neste sentido a recente publicação de Burnyeat, M. e Frede, M. (2015).

2 Sigo aqui a tradução de Brisson (2008) com relação ao μοι (312a). O sentido do dativo poderia ser também instrumental, apontando para uma tradução como “graças a mim”. Todavia o contexto francamente auto-elogiatório da passagem, marcadamente acadêmica, faz pensar que Brisson tenha compreendido melhor o sentido da auto-referência na passagem.

3 Trata-se com toda probabilidade de uma esfera para calcular as trajetórias dos corpos celestes (cf. Cicero *R. I* 14, 21-22 e Brisson, 2008, p.94-5). Esfera que teria sido inventada por Tales e aperfeiçoada por Arquimedes. Ainda que possa ser encontrado nos diálogos de Platão um modelo de representação das esferas celestiais (*Tim.* 40 d), fala-se de figuras geométricas poliédricas (como é o caso do dodecaedro), e não propriamente de esferas, que interessavam especialmente os eruditos helenísticos. Mais uma prova da provável autoria de âmbito pitagórico e tardio desta carta (cf. Isnardi-parente, 2002, p.194-5).

4 O termo Primeiro é certamente referido à figura do rei de todas as coisas citado imediatamente a seguir. O uso do termo neste sentido é aristotélico: entra no léxico acadêmico graças a influência das teses sobre as doutrinas não-escritas de *Metafísica*. Assim a busca pelo Primeiro se torna uma verdadeira obsessão da Academia pitagorizante, mas não há sinal deste uso nos diálogos de Platão.

archai ἀρχαί

nº 20, may-aug. 2017

Gabriele Cornelli,
Rodolfo Lopes, 'Platão. *Cartas: Carta II*,
p. 319-332

5 Nas linhas 3 e 4 da página 312e a maioria dos editores, a partir de Karsten (1864), corrige *περὶ* com *πέρι*.

6 O termo aqui é *ἀκούσματα*, evidentemente alheio ao léxico platônico, remetendo mais precisamente para o âmbito pitagórico de época helenística (cf. Thesleff, 1965, p.156ss).

7 A passagem toda faz referência, com muita probabilidade, à discussão paralela na *Carta VII*, e de maneira especial à intenção de Dionísio de escrever um manual de filosofia platônica (*Ep. VII 341 b*). Cf. a esse respeito BLUCK (1960, p.144).

8 Esta menção a um Sócrates *καλοῦ καὶ νέου* é enigmática. Nenhuma tentativa de esclarecer esta referência por parte dos comentadores parece ter conseguido qualquer consenso.

9 Trata-se das celebres prisões-cavernas siracusanas, que já Tucídides bem conhecia (*Th. VII, 87*), às quais o próprio Platão poderia ter se remetido ao criar a imagem da caverna de *República* (Cornelli 2007). Nenhuma notícia de quem seja o afortunado prisioneiro libertado.

BIBLIOGRAFIA

AST, F. (1816). *Platon's Leben und Schriften: Ein Versuch, im Leben wie in den Schriften des Platon das Wahre und Aechte vom Erdichteten und Untergeschobenen zu Scheiden, und die Zeitfolge der ächten Gespräche zu Bestimmen*. Leipzig, Weidmann.

BLUCK, R. S. (1960). The Second Platonic Epistle. *Phronesis*, vol. 5 nº.2, p.140-151. <https://doi.org/10.1163/156852860X00063>

BRISSON, L. (2008) (org.). *Platon. Oeuvres Complètes*. Paris, Flammarion.

BURNYEAT, M.; FREDE, M. (2015). *The Pseudo-Platonic Seventh Letter*. Edited by D. SCOTT. Oxford University Press, Oxford.

CORNELLI, G. (2007). Filosofia Antiga Underground: da Katábasis ao Hades à Caverna de Platão. *REVER*, ano 7, p.94-107.

CORNELLI, G. (2011). *O pitagorismo como categoria historiográfica*. Col. 'Classica Digitalia Brasil'. Coimbra: CECH - Universidade de Coimbra; São Paulo: Annab-lume. <https://doi.org/10.14195/978-989-8281-96-8>

ISNARDI-PARENTE, M. (2002). Platone. *Lettere*. Milano, Mondadori.

KARSTEN, H. T. (1864). *Commentatio critica de Platonis quae feruntur Epistolis*. Utrecht, Kemink et Filius.

LOPES, R. (2013). A organização tetralógica do *corpus Platonicum* (3.56-62): uma revisão do problema. In: LEÃO, D.; CORNELLI, G.; PEIXOTO, M. (coords.). *Dos homens e suas ideias. Estudos sobre as Vidas de Diógenes Laércio*. Coimbra, IUC, p.125-138. https://doi.org/10.14195/978-989-721-042-6_9

MADDALENA, A. (1948). Platone. *Lettere*. Bari, Laterza.

NOVOTNY, F. (1930). *Platonis Epistulae commentariis illustratae*. Brno. Filos. Fakulta.

SOUILHÉ, J. (1926). Platon. *Lettres*. Paris, Les Belles Lettres.

THESLEFF, H. (1965). *The Pythagorean Texts of the Hellenistic Period*. Åbo, Acta Academiae Aboensis.

JONES, H. Stuart (1948-49). Thucydides. *Historiae*. Rec. brevisque adn. crit instr. H. Stuart Jones. Oxford UP (OCT).

archai 

nº 20, may-aug. 2017

Gabriele Cornelli,
Rodolfo Lopes, 'Platão. Cartas: Carta II',
p. 319-332

ZARAGOZA, J.; GÓMEZ CARDÓ, P. (1992).
Platón. Diálogos VII (Dudosos, Apócrifos, Cartas).
Madrid, Editorial Gredos.

Submetido em Novembro de 2016 e aprovado
para publicação em Janeiro de 2017

archai 

nº 20, may-aug. 2017

Gabriele Cornelli,
Rodolfo Lopes, 'Platão.
Cartas: Carta II,
p. 319-332